

## A METAFÍSICA NA ÉPOCA CLÁSSICA

Aluno: Carlos Eduardo da Silva Rocha

Orientadora: Barbara Botter

### **Introdução**

A metafísica, do grego *tá meta tá physicá* que significa “o que está além da física” ou “as coisas que estão atrás das coisas físicas”, foi estudada de diferentes formas no decorrer da história da filosofia, como podemos ver no “Dicionário básico de filosofia” de Danilo Marcondes e Hilton Japiassú.

Na época medieval, mais especificamente na tradição escolástica a metafísica se divide em dois campos, a “metafísica geral” e a “metafísica especial”. No pensamento moderno, com o desenvolvimento das ciências empíricas e da subjetividade, a metafísica perde sua centralidade dentro da reflexão filosófica, sendo o conhecimento tratado como logicamente anterior a questão do ser.

No entanto, foi no pensamento de Platão e de seu discípulo Aristóteles que a metafísica alcançou seu maior momento.

Platão foi o primeiro pensador a desenvolver uma teoria racional sobre uma realidade fora do cosmo sensível. Em sua “teoria das Idéias”, o filósofo estabeleceu a existência de um mundo metafenômênico do ser, o qual serviria de modelo para os entes do mundo real.

Aristóteles por sua vez, investigou a natureza da substância. Para o filósofo as substâncias são as realidades primeiras e tudo que existe, segundo Aristóteles, depende da substância.

Foi graças ao pensamento de Platão e Aristóteles, que a filosofia passou a meditar sobre uma realidade fora do cosmo do sensível, ou seja, graças ao pensamento destes dois filósofos surgiu o campo da reflexão filosófica que posteriormente seria chamado de “metafísica”.

Este trabalho visa realizar uma pesquisa introdutória sobre a metafísica no pensamento dos antigos, abordando o supra-sensível em Platão e a teoria da substância em Aristóteles, mais especificamente a substância supra-sensível.

## **I. Platão e a passagem do físico para o supra-físico**

A reflexão filosófica surgiu quando o homem passou a meditar de forma racional sobre o mundo que o rodeava, ou seja, a filosofia surgiu quando o homem passou a buscar a origem do mundo não pelo mito, mas pelo *logos* filosófico, isto é, pela razão.

Os primeiros filósofos a terem esta percepção racional do mundo foram os filósofos pré-socráticos. Os pré-socráticos buscaram explicar o mundo natural, isto é, a natureza através dela própria, sendo por isso, chamados de naturalistas ou filósofos da *physis*.

Os naturalistas em sua reflexão desenvolveram no mundo grego antigo, uma idéia de ciência baseada em uma relação de causa e efeito. Através desta relação, os pré-socráticos investigavam a origem da *physis*, como é possível perceber no fragmento de Anaximandro:

“A origem das coisas que existem é o apeíron. De onde as coisas tiram seu nascimento, aí se cumpre a sua dissolução segundo a necessidade; de fato reciprocamente pagam a pena e a culpa da injustiça, segundo a ordem do tempo”

É perceptível como o filósofo atribui ao que ele denomina de *apeíron* a origem de todas as coisas. Para Anaximandro, o *apeíron* era algo eterno e indestrutível do qual, todas as coisas provinham e retornavam, isto é, era uma causa natural para a existência das coisas. Este fragmento demonstra como Anaximandro concebia o *apeíron* como a causa da origem do *Kosmos*.

No entanto, é importante perceber que os pré-socráticos buscavam uma origem natural para o mundo, isto é, buscavam uma causa física para explicar o mundo físico, o que significa que estes filósofos ainda não reconheciam a existência de uma realidade fora da matéria.

Platão se mostrou insatisfeito com o pensamento dos naturalistas, pois não podia conceber a origem do cosmo sensível através de uma causa meramente natural.

Ora, em sua reflexão Platão concluiu que a causa do mundo sensível não podia ser física, mas sim uma causa exterior, isto é, fora do cosmo sensível, uma causa supra-física.

Segundo Platão, a causa do mundo fenomênico devia ser um outro mundo, um mundo supra-físico, metafenomênico, isto é, um mundo Ideal que seria o paradigma dos entes do mundo material. Para melhor explicar sua teoria de um mundo Ideal, Platão utilizou-se de uma linguagem simbólica, a metáfora da “segunda navegação”.

## **II. A metáfora da “segunda navegação”**

Platão tomou o termo “segunda navegação” da linguagem dos marinheiros, na qual é a navegação onde se utiliza remos quando não há ventos, diferente da primeira navegação que utilizava a força dos ventos para locomoção das embarcações.

Porém a “segunda navegação” de Platão, é a metáfora pela qual o filósofo explicou sua teoria de um mundo Ideal, como é possível perceber na seguinte passagem do “Fédon”:

“Isto significa dizer que se não é capaz de distinguir que uma coisa é a causa verdadeira e a outra é aquilo sem a qual jamais a causa poderia ser causa. Parece-me que a maioria, andando a tatear como na escuridão, usando um nome que não lhe convém, designa o meio como se fosse a causa. Em consequência, alguém colocando um vórtice em torno da terra supõe que ela permaneça firme em razão do céu, enquanto outros colocam debaixo dela o ar como apoio, como se a terra fosse uma arca achatada. Mas aquela força pela qual a terra, o ar e o céu tem atualmente a melhor posição possível nem a procuram nem acreditam que haja uma força divina, mas pensam ter encontrado um Atlas mais poderoso, mais imortal e mais capaz de sustentar o universo, nem pensam que é o bem e o laço do bem que o que verdadeiramente liga e mantém todas as coisas. Com todo o prazer me tornaria discípulo de quem quer que fosse para aprender algo sobre essa causa. No entanto, já que fiquei sem ela e não me foi possível descobri-la por mim mesmo nem aprendê-la com outro, tive de empreender uma segunda navegação para andar à busca de uma causa; queres, Cebes, que te exponha quanto trabalhei nisso?

— Quero sim, e muito, respondeu. (Fédon, 99 b-d)

Através desta passagem do Fédon fica óbvio como o filósofo se utiliza da linguagem simbólica da “segunda navegação” para explicar sua teoria. Dentro da linguagem de Platão, a “primeira navegação”, ou seja, aquela se utiliza da força dos ventos simbolizava o caminho e as teorias dos filósofos naturalistas e sua tentativa de buscar uma causa física para a origem da *physis*, já a “segunda navegação” simboliza a descoberta platônica do supra-sensível, isto é, de um mundo Ideal.

A linguagem metafórica da “segunda navegação” simboliza o maior feito da filosofia platônica, a descoberta de um mundo supra-físico do ser, o qual Platão explica em sua grandiosa “teoria das idéias”.

### **III. A teoria das Idéias**

A “teoria das idéias” é o grande ápice da filosofia platônica, pois consiste na primeira concepção racional de um mundo não-físico, o que foi uma das maiores conquistas do pensamento ocidental.

Em sua teoria de um mundo Ideal, Platão mostra a existência de um mundo supra-sensível no qual as Idéias são o paradigma ou modelo para os entes do mundo real. No entanto, é importante compreender o que o filósofo chama de “Idéia”.

O termo “Idéia”, do grego *Eidos*, é usado no mundo contemporâneo para definir um conceito mental ou um pensamento. Esta concepção contemporânea está muito distante do que Platão concebia por “Idéia”.

Segundo o filósofo, as Idéias eram as causas não-físicas dos entes físicos. As Idéias ou Formas são, segundo a filosofia de Platão, o “ser por excelência”, o “ser verdadeiro”, o que significa que as idéias existem “em si” e “por si”, ou seja, não podem ser consumidas pelo *devis* que consome todas as coisas corpóreas, pois as Idéias são as “razões últimas e supremas” e “as verdadeiras causas das coisas”, são essências puras, incorpóreas e inteligíveis.

Em sua obra “História da filosofia antiga vol. II,” o historiador da filosofia Giovanni Reale, baseado na leitura dos textos de Platão enumerou uma série de características básicas para as Idéias, que são: *a inteligibilidade*, que significa que as Idéias são objetos da inteligência e só pela inteligência podem ser captadas; *a incorporeidade*, as idéias pertencem à um plano supra-físico, não corpóreo; *o ser no sentido pleno*, as Idéias consistem no ser por excelência, o ser verdadeiro; *a*

*imutabilidade*, as Idéias não nascem nem perecem continuando sempre as mesmas, imunes a ação do *devir*; *a perseidade*, as Idéias existem em si e por si; *a unidade*, cada Idéia é uma unidade que unifica a multiplicidade. Estas características básicas apontadas por Reale demonstram o caráter essencial, isto é, de pura essência das Idéias dentro da concepção platônica.

Platão considerava as Idéias como o ser por excelência, concebendo-as como incorruptíveis, eternas e perfeitas. Este caráter essencial, de pura essência das Idéias pode ser percebido na seguinte passagem do “Fédon”:

“ \_\_ (...) A realidade em si, a realidade de cujo ser damos razão formulando perguntas e dando respostas, mantém-se sempre de modo idêntico ou ora de uma maneira ora de outra? O Igual em si, o Belo em si e qualquer outra coisa que é em si, enfim o ser pode acaso sofrer qualquer mudança de qualquer tipo que seja? Ou então cada uma dessas coisas que é, segundo sua forma, em si e por si, sempre se mantém idêntica a si mesma e não suporta alteração alguma de qualquer natureza que seja?

\_\_ É necessário, Sócrates, que cada um conserve sempre a sua identidade, respondeu Cebes.

\_\_ E que haveremos de dizer de muitas coisas belas como, por exemplo, homens, cavalos, vestidos e outras do mesmo gênero que designamos como “belas” ou “iguais” ou de todas as outras as quais damos o mesmo nome que às coisas em si? Acaso permanecem sempre do mesmo modo, ou justamente ao contrário das coisas em si, não são nunca idênticas nem com relação a si mesmas nem com relação às outras e, numa palavra, nunca se mantém no mesmo modo?

\_\_ Assim é, disse Cebes, nunca se mantém do mesmo modo.

\_\_ E acaso não é verdade que essas coisas mutáveis podem vê-las ou tocá-las ou percebê-las com os outros sentidos corpóreos, ao passo que aquelas que permanecem sempre idênticas não temos outro meio de captá-las senão com o raciocínio puro e com a mente, porque são coisas invisíveis e não se podem apreender com a vista?

\_\_ É muito verdadeiro o que dizes, respondeu.

— Se queres estabeleçamos, portanto acrescentou ele, duas espécies de seres: uma visível, outra invisível.

— Estabeleçamos, respondeu.

— E que o invisível se mantenha sempre idêntico a si mesmo, e o visível não.

— Também isso estabeleçamos, disse ele.” (Fédon 78 d- 79 a)

Nesta passagem do “Fédon”, torna-se claro o caráter essencial que Platão dá as Idéias distinguindo-as como um ser separado da matéria, atribuindo as Idéias incorruptibilidade, perfeição e inteligibilidade.

#### **IV. A estrutura hierárquica do Hiperurânio ou Mundo das Idéias e sua relação com o cosmo físico**

Segundo Platão, o mundo Ideal está ordenado em uma estrutura hierárquica onde as Idéias superiores implicam as inferiores.

O Hiperurânio que significa “lugar acima do céu” é segundo Platão, um lugar que não é exatamente um lugar, fisicamente falando, mas um “lugar” metafísico onde as Idéias “habitam”. Obviamente, devido sua natureza supra-sensível, as Idéias não podem habitar lugar algum, nem o Hiperurânio pode ser designado como um lugar.

No vértice do Hiperurânio encontra-se a “Idéia do Bem”. O Bem, segundo o filósofo, é a Idéia que condiciona todas as outras, mas não é condicionada por nenhuma delas, isto é, o Bem é a suma Idéia, o princípio supremo do qual toda a realidade tira sua existência, é o incondicionado absoluto que torna as Idéias cognoscíveis a inteligência, que produz o ser e a substância justamente por transcende-los.

No nível mais baixo do mundo Ideal encontram-se os “entes matemáticos” que são intermediários entre as Idéias e os entes sensíveis. Os entes matemáticos são compreendidos como “intermediários” por que há neles tanto aspectos Ideais quanto sensíveis.

Este caráter intermediário dos entes matemáticos significa que eles são compostos de características sensíveis e supra-sensíveis, pois ao mesmo tempo em que são imóveis e eternos como as Idéias, há muitos deles, isto é, há muitos da mesma espécie como acontece com os entes sensíveis.

No entanto, como Platão explica o procedimento de como as Idéias se tornam paradigmas dos entes do mundo real? Para explicar o modo pelo qual as Idéias se tornam modelos dos entes físicos, Platão introduz a doutrina do “Demiurgo”.

O Demiurgo é segundo Platão, um deus-artífice pessoal, pois pensa e quer. Assim como as Idéias, o Demiurgo é eterno e imutável, porém o aspecto mais importante da doutrina do Demiurgo, é que através dele o cosmo sensível tem a sua origem.

Em ordem de dar origem ao mundo sensível, o Demiurgo por amor ao bem contempla as Idéias e às toma como modelo para criar os entes do mundo real. Ao tomar o mundo das Idéias como modelo, o artífice divino plasma a *chora*, que segundo Platão é o “receptáculo do sensível” e dá origem ao cosmo sensível. Assim fica claro que o Demiurgo é a causa eficiente do cosmo físico, como é possível perceber na seguinte passagem do “Timeu”:

“(…) Mas, se este mundo é belo e o artífice é bom é evidente que ele contemplou o modelo eterno; se, ao contrário, o artífice não é bom, o que não é permitido nem supor, ele olhou o modelo gerado. Ora, é evidente a todos que ele contemplou o modelo eterno: com efeito, o universo é mais bela dentre as coisas que foram geradas e o artífice é a melhor das causas.” (Timeu, 28b-29a)

Ao estudar a hierarquia do Hiperurânio e a doutrina do Demiurgo, fica claro qual é a relação entre o cosmo sensível e o supra-sensível. O cosmo físico é a “imagem” do modelo Ideal, isto é, uma “cópia” física das essências do mundo Ideal. As Idéias tomadas como modelo são o “paradigma” dos entes físicos que são gerados pelo Demiurgo a partir do modelo Ideal, como nos mostra a seguinte passagem do “Timeu”:

“Se, portanto, o Universo é assim gerado, foi realizado pelo artífice olhando o que se compreende com a razão e com a inteligência, e que sempre permanece da mesma maneira. Mas, se é assim, é absolutamente necessário que este cosmo seja imagem de alguma coisa.” (Timeu, 29 a-b)

O pensamento de Platão possibilitou o que talvez tenha sido o maior passo da filosofia ocidental, a descoberta de uma realidade supra-física do ser, isto é, a fundação de uma metafísica pela via da razão.

## **V. A substância em Aristóteles**

Como disse Diógenes Laércio: “Aristóteles foi o mais genuíno discípulo de Platão”. Sua grandeza como pensador, está justamente no fato de ter criticado e tentado superar os ensinamentos de seu mestre, apesar do amor e admiração que tinha por Platão. Talvez, a maior teoria de Aristóteles seja também aquela que mais se difere da filosofia de seu mestre, isto é, a teoria da substância.

A substância é com certeza a mais complexa questão da “metafísica” aristotélica. Para os pré-socráticos, isto é, para os naturalistas, a substância era a matéria, para Platão era a Forma, ou seja, as Idéias. No entanto, qual será a substância verdadeira, qual substância existe de fato? Em sua teoria, Aristóteles se propõe a resolver a questão da substância, deixada pela filosofia anterior.

Segundo Aristóteles, a *ousía*, isto é, a substância pode ser compreendida de três maneiras: forma, matéria e sínolo.

A substância, no sentido de “forma”, é segundo o filósofo, aquilo que faz com que coisa seja aquilo que ela é, ou seja, é a essência da coisa, sua natureza interior. Um bom exemplo de substância no sentido de forma é a alma. No homem a alma racional é a sua essência, dando a ele a capacidade do pensamento, o que o difere de todo o resto, tornando-o aquilo que ele é. A matéria ou *hylé* é o substrato da forma, ou seja, que constitui as coisas sensíveis. Com a eliminação da matéria, eliminam-se todas as coisas sensíveis.

Ao reconhecer que tanto a forma quanto a matéria são substância, Aristóteles dá, em parte, razão aos seus predecessores na questão da substância. No entanto, a novidade do pensamento aristotélico está na teoria do sínolo, que segundo o filósofo é o composto de matéria e forma, isto é, o sínolo é, segundo Aristóteles, a união concreta da forma e da matéria.

Ao estudar estas três concepções da substância, percebe-se como Aristóteles em seu pensamento tentou superar e aperfeiçoar as teorias filosóficas que o precederam.

Entretanto, no pensamento aristotélico, a questão da substância assume sua face mais complexa quando o filósofo aborda a natureza da substância supra-sensível.

## **VI. A substância supra-sensível**

Assim como Platão, Aristóteles também defendeu a existência da substância supra-sensível. Porém, diferente de seu mestre que se utilizou de simbolismos como o da “segunda navegação” para explicar sua teoria, o estagirita tentou demonstrar a existência desta substância de maneira metódica e sistemática.

Como já foi visto, para Aristóteles a substância é a realidade primeira e tudo o que existe depende da substância sendo que se todas as substâncias fossem corruptíveis nada haveria de incorruptível. Segundo o filósofo, o tempo e o movimento são incorruptíveis, pois como o tempo não se gerou também não pode se destruir. Se o tempo pudesse ter se gerado e pudesse se destruir deveria então existir um antes e um depois do tempo, mas como explica Aristóteles “antes” e “depois” não são outra coisa senão concepções de tempo. Desta forma o filósofo demonstra que não pode existir um “antes e depois do tempo”, pois isto seria também uma concepção de tempo, chegando assim à conclusão de que o tempo é eterno. O mesmo ocorre com o movimento, pois como explica Aristóteles o tempo nada mais é que uma determinação de movimento. No entanto, o filósofo explica que em ordem de existir um tempo e movimento eterno é necessário que exista um “Princípio primeiro” que seja a causa de sua existência.

Para que este “Princípio primeiro” seja a causa do tempo e do movimento eterno, ele deve ser *eterno, imóvel e puro ato*, isto é, sem potencialidade. Este Princípio primeiro, Aristóteles denominou de o “Motor Imóvel”, que segundo o filósofo, é perfeito e não está sujeito ao *dever* sendo a causa de todo o movimento.

Segundo Aristóteles, devido sua perfeição o Primeiro Motor tem a mais perfeita das vidas, isto é, a vida de pensamento puro e perfeito, como demonstra a seguinte passagem da “Metafísica”:

“De tal princípio, portanto, dependem o céu e a natureza. E o seu modo de viver é o mais excelente: é o modo de viver que nos é concedido só por breve tempo. E naquele estado ele é sempre. A nós isso é impossível, mas a ele não, pois o ato de seu viver é prazer. E também para nós vigília, sensação e conhecimento são sumamente apazíveis, justamente porque são ato e, em virtude dele, também esperança e recordações (...). Se, pois, nessa feliz condição na qual nos encontramos, às vezes, deus se encontra perenemente, é maravilhoso; e se ele se encontra numa condição superior, é ainda mais maravilhoso. E nessa condição ele se encontra efetivamente. Ele também é

vida, porque a atividade da inteligência é vida, e ele é, justamente aquela atividade. E a sua atividade, que subsiste por si, é vida ótima e eterna. Dizemos, com efeito, que deus é vivente, eterno e ótimo; de modo que a deus pertence uma vida perenemente contínua e eterna: esse, pois, é deus.” ( *Metafísica*, XII 7, 1072 b 13-18 e 24-30).

Nesta passagem da “*Metafísica*”, fica claro como Aristóteles atribui ao Primeiro Motor a mais perfeita das vidas, a vida do puro pensamento. Sendo o Motor Imóvel atividade da inteligência, isto é, vida na sua forma mais perfeita, o que ele pensa? Por ser a vida do puro pensamento, deus não poderia pensar outra coisa senão a si próprio. Ora, sendo o Primeiro Motor a vida do puro pensamento ele só poderia pensar aquilo que há de mais puro e perfeito, isto é, ele mesmo, o que faz com que o Motor Imóvel, seja atividade contempladora de si próprio como Aristóteles mostra no texto da “*Metafísica*”:

“Se, pois, a inteligência divina é o que há de mais excelente, ela pensa a si mesma, e o seu pensamento é pensamento de pensamento.”  
(*Metafísica*, XII 7, 1072 b 18-24).

Apesar de o Motor Imóvel ser pensamento de pensamento, a vida em sua forma mais excelente, ele não é suficiente para explicação de todo o movimento. Em ordem de explicar o movimento Aristóteles estabeleceu uma hierarquia que se estende desde o cosmo supra-sensível ou supra-lunar e o sensível ou sublunar. Através desta hierarquia, o filósofo explicou a relação entre o mundo sensível e o supra-sensível através do movimento.

Segundo Aristóteles, além da esfera que movimenta as estrelas fixas existem outras cinquenta e cinco esferas entre o cosmo sensível e o supra-sensível que são movidas por Inteligências análogas ao Motor Imóvel que se encontra no vértice da hierarquia do mundo supra-lunar. Estas Inteligências motrizes, apesar de movimentar as esferas, são hierarquicamente inferiores ao Primeiro Motor e subordinadas a ele, diferenciando-se hierarquicamente também entre si, como demonstra a seguinte passagem da “*Metafísica*”:

“Portanto, que existam estas substâncias, e delas, uma venha e a outra siga na mesma ordem hierárquica dos movimentos dos astros é evidente”  
(*Metafísica*, XII 8, 1073 b 1-3)

Estabelecida a hierarquia entre os mundos, permanece a questão da relação entre o Primeiro motor e o mundo sensível. Segundo o estagirita, o Motor Imóvel é o princípio supremo e a causa de todo o movimento, assim sendo é divino e só pode pensar aquilo que há de mais puro e digno, isto é, a si próprio. Isto significa que o Primeiro Motor não conhece nada fora de si? Obviamente Aristóteles devia conceber algum conhecimento do mundo sensível por parte do Motor Imóvel, mas segundo o filósofo o mundo sensível e suas limitações bem como os seres que o constituem não são dignos do pensamento do divino. O deus de Aristóteles não ama o homem de forma particular, pois não conhece nada fora de si, apenas o homem pode tender para deus, “contemplá-lo” por meio do pensamento, mas deus em sua perfeição não pode tender para o homem.

## **VII. A crítica de Aristóteles à filosofia de Platão**

Apesar do grande amor e respeito que tinha por seu mestre, Aristóteles fez uma dura crítica ao pensamento de Platão. Em sua crítica, Aristóteles apontou o que considerou equívocos cometidos por seu mestre no que tange o supra-sensível.

Ao criticar seu mestre, Aristóteles não teve a intenção de simplesmente negar as teorias de Platão, mas como um verdadeiro e bom discípulo tentou superar o pensamento do mestre.

Em sua teoria, Platão defendeu que as “Idéias” eram separadas, isto é, transcendentas ao mundo físico, sendo paradigma dos entes do mundo real, o que significa que segundo Platão as Idéias são a causa supra-sensível do mundo sensível. Aristóteles rejeitou esta concepção platônica, pois segundo o estagirita, se as “Idéias” fossem separadas não poderiam ser a causa da existência das coisas no mundo real. Para Aristóteles a causa da origem das coisas se encontra nas próprias coisas e não separadas delas.

Na sua Teoria das Idéias, Platão concebeu um mundo separado do cosmo físico onde as “Idéias” são o ser por excelência tendo no seu vértice a “Idéia do Bem”. Em ordem de dar origem ao cosmo físico, as Idéias se tornam modelos dos entes do

mundo real. Por transcender a matéria, o mundo ideal consiste em um mundo “inteligível”, esta inteligibilidade significa que, segundo Platão, o mundo Ideal existe de forma autônoma do sensível, estabelecendo a verdadeira realidade.

Em sua concepção do supra-sensível, Aristóteles critica Platão afirmando que o mundo supra-sensível não é um mundo inteligível, mas um mundo de inteligências que estão subordinadas ao que o filósofo denominou de o “Primeiro Motor”, que por sua vez é a causa de todo o movimento. No entanto, como Aristóteles resolve a questão da relação entre o sensível e o supra-sensível?

Como já foi dito, Aristóteles acreditava que a causa das coisas físicas estava nas próprias coisas e não separadas delas como afirmava Platão. Para resolver esta questão Aristóteles elaborou a já mencionada teoria do “sínolo” na qual o filósofo afirmou a existência de um misto entre matéria e forma, ou seja, o sínolo é concreta união entre o sensível e o supra-sensível. Com esta teoria, o estagirita superou a questão platônica da separação do mundo das formas e do mundo material, pois segundo Aristóteles, todas as coisas concretas, isto é, todas as coisas que existem no mundo sensível são na verdade sínolo ou a união da forma com a matéria e não uma cópia das “essências” do mundo Ideal como queria Platão.

## **VIII. Conclusões**

Este estudo introdutório da metafísica na época clássica permitiu uma maior compreensão de como os antigos concebiam a existência de uma realidade supra-sensível.

As teorias de Platão e Aristóteles influenciaram todo o pensamento ocidental no que diz respeito à concepção de uma realidade fora da matéria, não só na filosofia como também nas religiões e nas ciências.

No estudo de Platão, foi possível perceber o passo decisivo que sua “teoria das Idéias” deu para o pensamento ocidental, isto é, a descoberta racional de uma realidade supra-física e metafenomênica do ser e de como esta realidade foi concebida pelo filósofo como a causa não física do mundo físico.

Em Aristóteles, foi possível uma compreensão mais profunda da questão da substância mais especificamente da substância supra-sensível e de como esta substância constitui a realidade primeira, eterna e imóvel e que por sua vez é a causa de todo o movimento.

A descoberta de uma realidade supra-física modificou para sempre o rumo da reflexão filosófica e de como encaramos a relação entre a sensível e o supra-sensível.

## **IX. Bibliografia**

PLATÃO, Fédon. Trad. Miguel Ruas. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2007.

ARISTÓTELES, Metafísica vol. II 2ª edição. Trad. Giovanni Reale. Trad. Portuguesa Marcelo Perine. São Paulo, Edições Loyola, 2005.

REALE, Giovanni, História da filosofia antiga vol. II, 2ª edição. Trad. Henrique Cláudio de Lima Vaz & Marcelo Perine. São Paulo, Edições Loyola, 2002.

MARCONDES, Danilo. Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein, 5ª edição. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 2007.

JAPIASSÚ, Hilton & MARCONDES, Danilo, Dicionário básico de filosofia, 5ª edição. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 2008.

MORA, J. Ferrater, Dicionário de filosofia 2ª edição tomos, I, II, III e IV. Trad. Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobral, Marcos Bagno & Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo, Edições Loyola, 2004.